

O SIMBOLISMO DO MOFO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SANTIDADE DAS FAMÍLIAS EM ISRAEL

Francisco Macena da Costa¹

RESUMO

As leis cerimoniais de Levítico tocam a imaginação, preparam o caminho para a necessidade de graça e santidade para viver no mundo. Nesse sentido, o rigor exegético no contexto de uma hermenêutica cristocêntrica podem renovar a leitura de Levítico no intuito de devolvê-lo aos púlpitos de uma forma que afaste a mera pesquisa seca e o legalismo que expõe mandamento sem apresentar Aquele que é a fonte das virtudes. O episódio do mofo na casa é um exemplo de como uma lei de pureza pode impulsionar a imaginação do leitor sobre os perigos da impureza no lar e sua necessidade urgente da provisão de Javé para uma vida santa. Trata-se de uma análise que apura a pesquisa com o fim de trazer contribuições claras para a vida de piedade.

PALAVRAS-CHAVE:

Levítico; leis de pureza; casa; santidade.

INTRODUÇÃO

Levítico é um livro subestimado em vários aspectos. Não escutamos sermões em Levítico, e, principalmente, não vemos aplicações consistentes com os imperativos litúrgicos/morais exigidos por Javé. Para devolver a mensagem de Levítico ao povo, este breve ensaio, ainda que resumidamente, almeja demonstrar que a pesquisa bíblica pode ajudar o estudioso numa imersão no mundo

¹ Mestre em teologia pelo Centro de Pós-graduação Andrew Jumper e professor de cultura geral no Seminário Teológico do Nordeste.

simbólico e cerimonial dos hábitos antigos para tonar claro ao leitor o significado delas em termos experienciais.

Esta breve contribuição nos estudos de Levítico destaca a cerimônia sobre o mofo na casa e seus objetivos para que a imaginação do leitor seja tomada pela santidade de Javé. O rigor metodológico indutivo, bem como a comparação com os motivos pagãos sobre a impureza, reforça os temas da santidade de Javé, a necessidade de limpeza do povo e o papel do sacerdote nesse processo.

Uma vez que essas imagens tipológicas são reforçadas, a interpretação cristocêntrica da instituição sacerdotal impulsiona o leitor para a necessidade de Cristo e seu Evangelho. É precisamente esse *link* entre a pesquisa rigorosa e a interpretação cristocêntrica de Levítico que fundamentam a plataforma de uma leitura canônica que articule a santidade de Deus e necessidade da graça para uma vida de pureza.

Os episódios de mofo na casa também demonstram como a mensagem de Levítico exhibe noções abrangentes que abarcam o mundo da vida numa perspectiva teorreferente da realidade. Essa cosmovisão baseada na instrução soberana de Javé era o fundamento para que os leitores do texto pudessem refletir sobre os perigos da impureza no processo de estabilização da nação na terra prometida, e isso com base em sua identidade a partir de Javé – Deus Santo. Em termos simples, as cerimônias tinham como objetivo levar o israelita

a pensar sobre imitação da santidade de Javé espelhada em lares puros.

O MOFO NA CASA

Quando o conjunto de leis de pureza contempla as edificações que povo iria construir na terra prometida (14.34), fica evidenciado como o domínio divino progredia sobre cada área da vida do povo peregrino. Não se trata apenas de lidar com os animais e a comida, as manchas no corpo e seus fluídos de forma arbitrária, mas como se lida com a construção e a reforma da casa porque Javé tem interesse em tudo que seu povo faz. Em tese, os leitores deveriam ansiar uma instrução de Javé que lhes desse entendimento para discernir o puro e o impuro em seus lares.

Em um momento crítico da saída da peregrinação no deserto para a fixação na terra na promessa, Javé oferece leis para guiar o processo imaginativo de estabilização sedentária por meio da análise do mofo² na parede.

² Para alguns estudiosos, a ideia de mofo é bem ampla. O argumento pode ser resumido da seguinte maneira: O termo em hebraico para "fungo" é geral e pode se referir a coisas como mofo, fungos e podridão seca. Eles são perigosos e, portanto, devem ser erradicados. Nesse sentido, o foco do texto não recai sobre a questão médica. (Currid, *A Study Commentary on Leviticus*, EP Study Commentary, 2004, p. 197). O ponto de vista da higiene pode ser até lateral ao assunto, mas o cerne é litúrgico/cerimonial. Na literatura comentada de Levítico, o ponto de vista higiênico está associado com uma noção profilática “segundo os conhecimentos médicos da época.” (Storniolo, 1990, p. 40). Tal interpretação estreita a abrangência simbólica e litúrgica da questão de discernimento do puro e do impuro, tendo em vista que as ações do sacerdote não tinham como objetivo tratar a casa, mas santificar as pessoas.

Se o povo peregrina no deserto, eles devem prestar contas com Javé. Se eles fixam morada, também devem prestar contas com Javé. A realidade da estabilização é vista debaixo da soberania de Javé sobre todas as coisas.

A lepra, no contexto da moradia do israelita, não era um tipo de prolongamento tardio do texto, mas uma abordagem confessional e bem refletida da santidade baseada na instrução do texto. O foco tinha a seguinte direção: como lidar com as moradias no momento da entrada da nação na terra – como edificar casas e construir cidades.

Nesse grande contexto da soberania de Javé, até o trabalho de escolher pedras, rebocar a casa e confecções de mobílias precisaria ser feito com cuidado porque o mundo é um lugar perigoso. A presença do mofo é um alerta para esses e outros perigos. No mundo antigo, o surgimento de manchas na casa significava o favor ou o desfavor dos deuses. “O crescimento de fungos nas casas era considerado um presságio, um sinal divino, a maioria dos quais pressagiava o mal para os ocupantes” (Milgrom, 1991, p. 864).

Em outras palavras, existia um “motivo”³ pagão que procurava capturar a imaginação do povo peregrino. Eis um exemplo de interpretação do mofo na casa. O lugar comum pode ser visto

por um texto acadiano que trata de um ritual Namburbi (encantamento) que se refere especificamente a fungos e descolorações. Os fungos eram examinados, e as várias descolorações indicavam quem na casa sofreria a punição a ser

³ Neste ensaio, o motivo do texto é usado como um identificador de um relato, ou de cenas dele, que repetem em diferentes momentos. (Pelt, 2016, p. 48)

infligida pelos deuses (caso o fungo fosse verde ou vermelho) ou se o proprietário da casa realmente prosperaria (caso o fungo fosse preto) (Shepherd, 2021, p. 178).

A ideia de motivo pagão é um *insight* bem-vindo da parte de Currid. Ele nota que em muitos lugares do Antigo Testamento, motivos da literatura pagã são usados para demonstrar a singularidade de Javé sobre os outros deuses e suas visões de mundo.

Nesse sentido, ele afirma que

os escritores bíblicos, com frequência, usavam a teologia polêmica como um instrumento para ressaltar o caráter único da cosmovisão hebraica em contraste com outras percepções do antigo Oriente Próximo sobre o universo e como ele operava (Currid, *Against the Gods*, 2013, p. 164).

O motivo do “mofa na casa” que aparece no imaginário dos povos vizinhos foi tomado de uma forma confessional⁴, porém não sincrética, uma vez que não há nenhuma menção aos deuses ou mitos

⁴ A interpretação bíblica dessa passagem, com as exigências próprias do contexto sócio-histórico, considera a antiguidade dessas tradições com base nos motivos acessados nos povos do antigo oriente próximo afetando assim a interpretação do culto. Por exemplo, o professor Gunneweg, ainda agarrado do entendimento da teoria das fontes, lia as leis sacerdotais como o resultado de uma teologia do pós-exílio articulada por P com o objeto de consolar Israel “dentro e fora da terra prometida” por meio de uma mensagem que enfatizava o privilégio que eles tinham “de existir no círculo mais central da criação, estando guardado e abrigado aqui, que Deus se torna presente em meio ao povo e que ele institui o culto que sempre de novo traz a expiação.” (Gunneweg, 2005, p. 306) Mas, nem mesmo entre os adeptos de P, se cogita que ele “fixou e conservou ordens sagradas que já existiam em vigor anteriormente” cujo o objetivo era “restaurar a santidade perdida.” (Rad, 2006, p. 264). Nesse ambiente de suposições, nos parece mais plausível considerar a narrativa pelo prisma da autoria mosaica num ambiente polêmica com os povos antigos para firmar a confessionalidade de Israel segundo a revelação divina.

pagãos. Naturalmente, o discurso jurídico/litúrgico de Levítico 14.33-57 expressa sua singularidade enquanto instrução no contexto do erro de Nadabe e Abiú. como um modelo para lidar com os perigos do mundo da impureza (10.1-2). Os filhos de Arão não fizeram a diferença entre o puro e o impuro. Como resultado, Javé não lançou o fogo sobre o sacrifício, antes os responsáveis pelo fogo estranho foram consumidos. Tal motivo é reproduzido em ondas dentro do Levítico para alertar sobre como essa falta de discernimento é perigosa para o arraial e para as famílias.

O contexto geral da lei do mofo acontece dentro de um conjunto de leis de pureza. Essas leis, além de instruir Israel sobre sua visão de mundo diferenciada dos pagãos, servia como um padrão litúrgico-cerimonial para ensejar uma reflexão simbólica sobre comportamentos morais.

Ao acessar o mofo na edificação o povo deveria considerar o perigo da impureza cerimonial. A imaginação deles deveria ser afetada pela lei de Deus, fazendo-os refletir sobre a necessidade de purificação, não segundo os padrões mágicos, mas segundo a instrução de Javé.

No sistema de pureza, Deus está relacionado à vida e à integridade, ao mesmo tempo em que está dissociado da morte e do defeito. Aquilo que envolve morte ou movimento em direção à morte é impuro. A "lepra" envolve o movimento em direção à morte. É por isso que se exige a separação do santuário e do povo de Deus (Sprinkle, 2015, p. 85).

O perigo para o povo é a morte – ser fulminado como Nadabe e Abiú. Essa morte é o resultado de uma atuação imprudente

e autônoma. A morte não era um poder mítico ou uma realidade incorporada na fé de Israel por meio da assimilação de costumes pagãos. O perigo da morte está na falta do temor de Deus, e a imundície ritual servia “não apenas para dar testemunho do processo da contaminação do pecado, mas também pelo contraste, da santidade infinita do Deus de Israel e, portanto, da necessidade de purificação” (Morales, 2022, p. 153) para o culto.

Tal abordagem ficou bem pontuada por Vos:

Se dizemos que o contraste é simbólico da pureza e impureza ética, ainda assim será mantido como verdadeiro que esse contraste simbolizado não é simplesmente equivalente à bondade ou maldade como tais, mas a bondade e a maldade do ponto de vista particular de que um admite e outro exclui a pessoa da comunhão com Deus (Vos, 2010, p. 213).

Logo, mesmo que o cuidado com mofo carregue elementos confessionais polêmicos contra os falsos deuses pagãos, o cerne principal do simbolismo reside no cuidado com a impureza dentro do lar para não repetir o erro de Nadabe e Abiú. Não temer o Senhor reintroduz a morte como julgamento. O paradigma da entrada na terra indicaria a possibilidade de lidar com o mofo no lar como lembrete imaginativo útil para a luta contra o pecado. Quando tal coisa acontecesse, eles deveriam refletir sobre o perigo da autonomia. O tom dessas leis de pureza se traduz em um “profundo senso da pecaminosidade humana como uma poderosa força destrutiva que requer formas de proteção institucional em um esforço para conter seu poder.” (Childs, 1985, pp. 1158-1163)

Adoração e vida são dissociadas daquilo que é mágico porque o povo não está autorizado a “crer em presságios” (Hess, 2008, p. 5500), antes, do ponto de vista da adoração, cada um deve sua vida ao Deus do pacto respondendo com uma sólida busca por santidade nos menores detalhes da vida.

Diferentemente das coleções jurídicas em Êxodo e Deuteronômio, Levítico se dirige a Israel - sacerdotes e leigos - em relação à entrada na corte de Yahweh. Os problemas pessoais, sociais e econômicos precisam ser explicados em termos de como eles podem prejudicar e/ou ajudar Israel como um povo que vai ao tabernáculo. Levítico vê toda a vida em função de seus efeitos sobre a adoração. Essa corrente subjacente afeta tudo em Levítico, inclusive sua exegese da lei (Schnittjer, 2021, p. 39).

Longe de ser uma cerimônia arbitrária, a lei para a purificação do mofo na casa exercia um forte apelo para que o povo lutasse contra a impurezas, não apenas para proteger suas casas, mas também para zelar pela habitação de Deus no meio deles. A vigilância e o cuidado deveriam ser urgentes e constantes. Sendo a lei a revelação do cuidado de Deus com o seu povo e com suas moradas na terra, sua autoridade era exclusiva e normativa.

O TRABALHO DO SACERDOTE

Não resta dúvidas que o papel do sacerdote ocupa um lugar de destaque no tratamento do mofo. Por exemplo, “O sacerdote era responsável por diferenciar os dois [o puro e o impuro] e saber quem poderia morar no acampamento e quem deveria ficar fora do

acampamento para não ofender a Deus” (Dillard & Longman, 2006, p. 80).

Sendo assim, o indivíduo que desconfiasse de alguma praga em sua casa deveria procurar imediatamente o sacerdote para que ele conduzisse uma apuração minuciosa da situação. Os estudiosos notam que há um paralelismo entre os versos 35-47 e 13.1-8. De fato, há uma correspondência entre a conduta que o sacerdote deveria ter ao examinar a impureza da lepra nas pessoas e nas coisas. A relação pode ser resumida da seguinte maneira:

Levítico 13.1-8	Levítico 14.35-47
<i>Primeira ação</i> – quarentena de sete dias – v.4	<i>Primeira ação</i> – quarentena de sete dias – v. 38
<i>Segunda ação</i> – nova quarentena – v.5	<i>Segunda ação</i> – remoção das pedras e do reboco para conter a praga – v. 39-42
<i>Terceira ação</i> – imundície declarada – v.8	<i>Terceira ação</i> – reconhecimento da praga e demolição da casa – v. 43-47

Assim como no caso da doença de pele que não cessava, a impureza deveria ser removida da casa. O detalhismo do exame por parte do sacerdote indicava uma ação de misericórdia tanto na avaliação da praga de pele como nas residências. O cuidado revela uma cadência que empurra a impureza para fora. Não se tratava

apenas de uma questão sanitária, mas de um ato simbólica contra as coisas que poluem o acampamento de Javé.

O trabalho do sacerdote é central, por isso é mister considerar o que esse papel representava em termos de provisão espiritual. Trata-se uma provisão distintiva, cerimonial e direcionada para a pureza.

As ações dos sacerdotes apontam para uma conduta que separava Israel dos povos pagãos. Enquanto os povos vizinhos buscavam socorro nos remédios pagãos, a nação santa deveria procurar Arão e seus filhos para que eles pudessem tratar o problema da praga ao modo de Deus. Pode-se acompanhar, em parte, Milgrom em sua afirmação de que

o sacerdócio de Israel removeu as vísceras do mágico e o demoníaco nos ritos da casa amaldiçoada comuns nas culturas vizinhas e, como no caso da pessoa doente de lepra, incorporou-os ao seu sistema simbólico mais abrangente que proclama a vitória das forças da vida sobre as forças da morte (Milgrom, 1991, p. 865)

Adicionalmente deve-se reconhecer que a *desmitificação* do mofo resultava numa expressão clara de confiança no poder de Javé que envia a provação e, ao mesmo tempo, providencia os meios para a pureza. Israel não deveria crer em agouros, mas na providência de Javé. Desta forma, ao buscarem o apoio dado por Deus, os israelitas afirmavam a relação exclusiva com Javé que significava uma vida independente da pretensão autônoma de Nadabe e Abiú, bem como dos motivos paganizados dos povos

estranhos à Aliança. Buscar o sacerdote era uma afirmação de confiança exclusiva em Javé.

Sob a perspectiva da cerimônia, exhibe-se o elemento litúrgico da pureza. Nenhuma imundície prospera diante de Javé. Logo, o culto exigia uma rigorosa expressão de pureza que os israelitas não tinham condições de achar por si mesmos. Javé é quem providência os meios de limpeza cerimonial para que o seu povo possa viver em sua presença.⁵

Sendo assim, ao se submeterem ao exame do sacerdote, segundo os critérios da lei de Javé, os israelitas estavam reconhecendo o meio ofertado por Deus para que o culto fosse possível. Este cuidado não devia ser apenas pessoal, mas estendido entre as famílias do povo. Não se consegue esconder uma mancha de pele perante Javé e tampouco ele deseja impurezas escondidas nos lares. Logo, o tratamento da casa era uma afirmação de adoração, no sentido de refletir a necessidade dos servos diante do Rei. Preservar o acampamento puro é uma afirmação categórica da adoração conforme os termos de Javé. Schnittjer coloca esse ponto em termos de autoexame. Para ele,

A presença da glória divina em Israel resulta em uma reavaliação das responsabilidades de Israel. Levítico ajusta os padrões legais considerando Israel como adoradores que precisam estar sempre preparados

⁵ De forma muito perspicaz, Wenham viu essa ação como expressão orante diante de Javé. Ele concluiu que “Israel se diferenciava de seus vizinhos, que buscavam o exorcismo e os ritos mágicos na tentativa de curar doenças. Em Israel, o homem precisava buscar ajuda diretamente de Deus em oração, e não confiar nos remédios dúbios da medicina popular” (Wenham, 1979, p. 207).

para se apresentar diante de Yahweh (Schnittjer, 2021, p. 40).

Deste prisma litúrgico se deduz uma atitude que a adoração podia ser distorcida tanto com o fogo estranho na casa de Deus bem como pela impureza aceita dentro das casas. Javé quer uma disposição de deleite cultural que discerne o puro do impuro dentro e fora do lugar santo.

A impureza existente no mundo é perigosa. A exigência de uma entrega completa do coração perante Javé torna o estado de constante exame de si mesmo e da vida em sociedade uma disciplina espiritual vigilante que almeja manter a pureza no mundo. Nesse caso, o peso de tal disciplina não está na obediência em si, mas no ato de receber com fé a provisão de Deus por meio dos ritos sacerdotais de pureza. Javé é o doador da pureza. No dizer de House, “observar essas leis protege Israel de religiões politeístas. Também lança Israel à misericórdia de Deus, a única divindade que esses textos reconhecem” (House, 2005, p. 173). Uma vez que ninguém podia impedir a mofo na casa, nenhum israelita poderia vencer o pecado sem a provisão de Javé.

Por fim, o rito do mofo na casa reconhece a impureza nas pessoas e nas coisas. O escrutínio minucioso da casa era uma afirmação da realidade do pecado e da constante luta do povo de Javé contra o seu poder nas coisas ordinárias e cotidianas. Perdas parciais e total seriam consideradas em prol da pureza de vida. “Sem dúvida, o foco em manter a pureza ritual de seus lares seria um lembrete constante para que eles se empenhassem em garantir que a casa do

Senhor permanecesse ritualmente pura (cf. At 15:31)” (Sklar, 1980, p. 221). Nada, nem mesmo uma mancha de mofo dentro de casa, poderia passar despercebida aos olhos daqueles que foram chamados para imitar o Deus santo no mundo.

Em todas essas perspectivas da ação do sacerdote se nota o apelo à santidade. A pureza, conforme Deus requer, expressa fidelidade, adoração e luta contra a impureza em todas as esferas da vida. Israel não pode tirar a mancha sozinho. Eles precisavam recorrer à provisão de Javé. Só o Deus único e verdadeiro provê os meios para que a impureza seja removida do coração e da vida social. Tudo isto ficava implícito todas as vezes que o sacerdote era procurado conforme a instrução da lei.

A PUREZA NO LAR

Diferentemente das pessoas, não há sacrifícios expiatórios pelas casas. O que se apresenta são ritos de purificação visando o “uso normal” (Balentine, 2002, p. 182) das coisas dentro de um contexto de vida restaurada. Tal diferenciação é útil para entender o objetivo cerimonial e existencial envolvidos uma vez que a ideia geral não é de perdão de pecados para a casa, “mas um processo de transformação da ‘casa doente’ em um estado de integridade a fim de que permaneça no meio da santa comunidade de Deus e seja usada para habitação” (Hess, 2008, p. 305). Trata-se de uma forma de restauração visando preservar as pessoas e as coisas dentro da habitação santa.

Essa afirmação da pureza era um forte apelo no mundo de Javé como puro. Harmonioso e ordeiro é um outro traço que exhibe a singularidade da nação de Israel como povo santo de Javé. Nos estudos de Levítico o elemento de pureza como cosmovisão singular de Israel tem sido aceita, em maior ou menor grau, depois dos estudos de Mary Douglas. Ele sugere que a leitura de Levítico espelha o mundo ordeiro de Deus:

Tudo na criação é organizado em ordem; cada coisa em nível mais baixo deve ser mantida longe da que está em cima, o contato entre elas deve ser mediado pelos poderes sagrados dados para esse propósito. Primeiro, ele separou as águas acima e abaixo do firmamento (Gn 1,7), e então reuniu as águas em um lugar e fez a terra seca aparecer (Gn 1,9-10). Quando esteve irado, ele soltou as águas que estavam acima para inundar a terra (Gn 6) e as fontes do grande abismo irromperam e as janelas do céu foram abertas (Gn 7,11). Foi o aroma agradável da oferenda queimada de Noé (tão constantemente citada em Levítico) que o fez decidir não mais destruir toda a criatura vivente e restaurar a ordem das estações (Douglas, Levítico como literatura, 2019, p. 183).

Embora não seja possível concordar com ela no tocante a interação de Deus e Noé por ocasião do sacrifício, pode-se concordar com seus *insights* sobre a pressuposição de ordem e harmonia do mundo criado. Por causa do pecado, Israel pode ter esperança de restauração por meio dos sacrifícios e dos ritos que imolam animais para acessar novamente a pureza, ou um tipo de reentrada no Éden (Morales, 2022, p. 164).

Sendo Javé o Rei sobre todas as coisas, e que até mesmo as impurezas são enviadas por Ele, cabe a Israel recorrer ao meios

determinados por Javé para habitar em sua presença conservando a santidade. Dito isto, o rito do mofo na casa não foi dado de maneira vazia. Como bem nota Calvino, Javé

instruiu o povo no estudo da pureza, justamente para impedir que se aproximassem de Seu santuário todos os que viessem de casas impuras. O sentido, então, seria que cada pessoa deveria se esforçar diligentemente para manter suas casas puras, castas e livres de toda contaminação (Calvino, 2020, pp. 35795-25798).

Logo, o sentido da pureza evocava uma reflexão seguida de arrependimento e busca por santidade na vida ordinária do lar. Não se tratava de um mero exame sobre rebocos, pedras, areia e mofo, mas um exame da casa e sua santidade perante Deus e perante os homens.

A preocupação com a pureza aplicada ao lar é uma ação que impõe separação, fronteira e intenções do lar que se deseja construir (Douglas, Pureza e Perigo, 2014, p. 87). Isso significa dar conta do simbólico, ou no caso de Levítico do cerimonial, com o fim de viver a santidade dentro dos lares para não ameaçar o culto de Deus com a impureza. O mofo era lembrete da constante vigilância e proteção dos negócios do lar.

Assim como o sacerdote tem uma posição central na passagem como aquele que realiza a provisão de limpeza, seja como o inspetor da casa ou como o executor dos ritos, no ritual dos pássaros e da lavagem como água, nota-se novamente a intenção de destacar essa pureza. Como foi levantado até aqui, a singularidade de Israel está em Javé. Ele é o único que pode lavar os lares de

impurezas cerimoniais e, desta forma, receber pecadores em sua santa habitação sem que eles não fossem consumidos.

O rito para a purificação da casa, como já foi visto, completa sua nova utilização. Como o risco de contaminação era constante a possibilidade de reentrada na presença de Javé era seguida da restauração das coisas necessárias para viver na terra. Logo, a exigência da casa pura, além de uma forte conotação moral, também indicava a bondade de Javé em preservar as famílias do seu povo de uma forma que incluía a santidade de vida reta e a santidade da proteção da vida.

Embora o rito de restauração da casa não ocupe um consenso entre os exegetas e seja suscetível a muitas especulações. Nesse sentido, merece consideração a seguinte interpretação:

Essa mistura de sangue e água, ambos claramente associados à vida, indicam que aquele cuja aflição significou uma existência semelhante à morte foi agora liberado para viver sem vergonha ou menosprezo. A aspersão sete vezes maior com sangue e água representa um novo nascimento, uma recriação; é, em suma, uma reencenação ritual da criação de Deus, em sete dias, de um mundo abençoado e pronto para cumprir a mais alta expectativa de seu Criador (Balentine, 2002, p. 178).

A ideia proposta é plausível, uma vez que agrega o sentido da harmonia criacional e o sentido agregado de felicidade nas correntes de água, pois como se nota no Salmo 42,2-3 deseja-se o Senhor assim como se deseja as águas (Girard, 1997, p. 221). O anseio pelo deleite em Deus permeia toda a vida do povo chamado

para ser santo e Javé, com graça, se aproxima de seu povo para fazê-lo puro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levítico precisa ser retirado da prateleira do esquecimento e apresentado ao povo de Deus, não como um exercício de crítica bíblica ou motivos pagãos comparados. Lido de forma natural, considerando recursos de pesquisa sobre as religiões do Oriente Próximo, nota-se que Levítico tem um caráter polêmico, mas ao mesmo tempo formativo. Javé instruiu o povo para que eles pudessem viver de uma maneira santa.

O mofo na casa não era um cerimonia inútil. Dentro do sistema de leis do “puro e do impuro”, a nação recebeu um plano simbólico cerimonial para o culto e para as questões cotidianas. Logo, a cada episódio de mofo na casa havia uma necessidade de reflexão e ação. O impuro lembra os efeitos do pecado no mundo e a atitude de buscar o sacerdote indica a provisão de Deus para lidar com as impurezas no mundo.

A inspeção interna implica no cuidado de Deus com todas as áreas da vida do seu povo. O Senhor revela o que o povo pode comer, vestir e como morar bem. Num tempo como o nosso, quando os lares são manchados, os cristãos não recorrem mais ao sistema dos sacrifícios, mas ao sumo sacerdote fiel. Essa é a mensagem do autor aos Hebreus:

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos

firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4.14–16).

Os leitores cristãos de Levítico podem ser beneficiados se levarem seus dramas domésticos aos pés do sumo-sacerdote. Suas intenções são as mesmas: lavar, purificar e restaurar pecadores para a adoração do Deus único e verdadeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Balentine, S. E. (2002). **Leviticus: interpretation**. Louisville: Westminster John Knox Press (Edição Kindle).

Calvino, J. (2020). **John Calvin's commentary on the Bible**.

Childs, B. S. (1985). **Old Testament Theology in a canonical context**. Philadelphia: Fortress (Edição Kindle).

Currid, J. D. (2004). **A Study Commentary on Leviticus, EP Study Commentary** . Nova York: Evangelical Press (Software Bíblico Logos).

Currid, J. D. (2013). **Against the Gods**. Wheaton: Crossway (Edição Kindle).

Dillard, R. B., & Longman, T. (2006). **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova.

Douglas, M. (2014). **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectivas .

Douglas, M. (2019). **Levítico como literatura**. São Paulo: Loyola.

Girard, M. (1997). **Os Símbolos na Bíblia**. São Paulo: Paulus.

- Gunneweg, A. H. (2005). **Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica**. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola.
- Hess, R. S. (2008). **Leviticus**. Grand Rapids: Zondervan (Edição Kindle).
- House, P. R. (2005). **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida.
- Milgrom, J. (1991). **Levíticus 1-16 - vol. 3**. New York: Doubleday (Software Bíblico Logos).
- Morales, L. M. (2022). **Quem subirá ao monte do Senhor? Uma teologia bíblica do livro de Levítico**. São Paulo: Cultura Cristã.
- Pelt, M. V. (2016). **A Biblical-Theological Introduction to the Old Testament**. Wheaton: Crossway (Edição Kindle).
- Rad, G. v. (2006). **Teologia do Antigo Testamento**, volumes 1 e 2. São Paulo: Aste : Targumin.
- Schnittjer, G. E. (2021). **Old Testament Use of Old Testament: A Book-by-Book Guide**. Grand Rapids: Zondervan Academic (Software Bíblico Logos).
- Shepherd, J. E. (2021). **Leviticus**. Grand Rapids: Zondervan Academic (Edição Kindle).
- Sklar, J. (1980). **Leviticus - An introduction and commentary**. Nottingham: IVP (Edição Kindle).
- Sprinkle, J. M. (2015). **Leviticus and Numbers**. Grand Rapids: Baker Books (Edição Kindle).
- Storniolo, I. (1990). **O livro de Levítico: formação de um povo santo**. São Paulo: Paulus .
- Vos, G. (2010). **Teologia Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã.
- Wenham, G. J. (1979). **The Book of Leviticus**. Grand Rapids: Eerdmans (Edição Kindle).

ABSTRACT

The ceremonial laws of Leviticus touch the imagination and prepare the way for the need for grace and holiness for living in the world. Therefore, exegetical rigor in the context of a Christocentric hermeneutic may renew the reading of Leviticus to return it to the pulpit in a manner that sets aside mere dry research and legalism that expounds commandments without presenting the One who is the fountain of virtues. The episode of the mold in the house is an example of how a law of purity can drive the reader's imagination about the dangers of impurity in the home and their urgent need for Yahweh's provision for a holy life. This is an analysis that refines the research to bring clear contributions to the life of piety.

KEYWORDS

Leviticus; purity laws; house; holiness.